

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

YAP 10700

SOCIEDADE

Rio, como Copacabana, que resolvem depositar seus "presuntos" em áreas sob sua jurisdição. Perguntado sobre cemitérios clandestinos, o delegado espumou de raiva. "São os comunistas do bispado que espalham essas mentiras. Esse dom Mauro Morelli que continue a fazer amor com suas velhas. Mas que ele se cale", diz, referindo-se ao bispo como um "babcaca". Talvez por conta de declarações tão ponderadas é que o delegado tenha sido recentemente promovido a diretor do Departamento de Polícia da Baixada Fluminense.

Na presença dele, seus investigadores não ousaram desmenti-lo enquanto falava. Depois, acompanhados do repórter durante uma ronda, ofereceram-se para lhe mostrar o cemitério clandestino do Morro da Mangueira: uma enorme vala de cinco metros de profundidade. Não haveria inocentes entre os que recebem aquele destino? "Aqui todo mundo é inocente", responde um dos policiais. Ao tentar saber no necrotério de Duque de Caxias se havia ali muitas crianças, o repórter foi tratado com a mesma frieza. "Olhe os registros. Neste país, de qualquer maneira, não há crianças. Elas são mais perigosas que os adultos".

É provável que entre os "comunistas do bispado" o delegado Henrique incluisse Volmer do Nascimento, voluntário da Pastoral das Crianças. Ele contou o drama dos garotos que, por um lado, são explorados pelos traficantes e, por outro, sofrem a pressão de policiais corruptos que exigem parte do roubo e do dinheiro apurado com a venda de tóxicos. Citou o caso concreto do garoto Gilberto Girao, preso e enviado à Funabem, de onde fugiu poucos dias depois. Na semana seguinte apareceu crivado de balas.

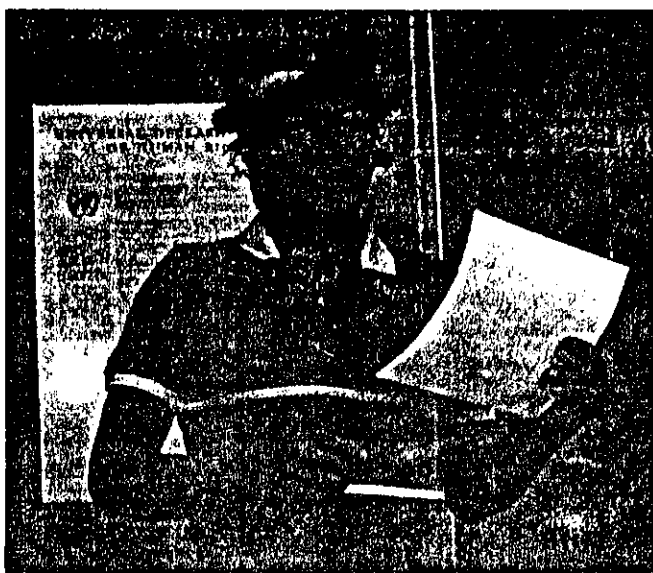
Alguém poderia esperar que florescesse algo melhor na miséria? A propósito do Plano Verão, o artigo da *The Economist* põe o dedo na ferida. "Milhões são miseravelmente pobres. Mas o País, literalmente num atoleiro, está cheio de novos prósperos banqueiros, construtores, engenheiros de computação e fabricantes de carros que gastam seus dias tentando contornar a inflação." Sabendo que atrás do pacote econômico tem um "presidente ineficaz", como diz a revista inglesa, não se deve esperar melhoras a curto prazo.

AMBIENTE

Prêmio à minoria

O índio Kopenawa recebe homenagem da ONU

"O governo está cego pelo brilho do ouro e por isso não está enxergando a gente." Com esse desabafo, Davi Kopenawa, índio yanomami, jurado de morte, foi o segundo brasileiro a receber o prêmio *The Global 500*, atribuído anualmente pela ONU aos que se destacam na defesa da preservação ambiental. O primeiro homenageado, o seringueiro e sindicalista Chico Mendes, foi assassinado em dezembro passado, e até hoje o crime não foi solucionado.



Davi Kopenawa
O caso Chico Mendes se repetirá?

Constrangido pelos refletores de televisão, mesmo assim Davi fez questão de, publicamente, pintar o rosto com urucum, numa demonstração de alegria, pelo prêmio recebido. "Este prêmio é para guardar no coração dos brancos, para que ajudem na preservação da mata, dos rios, dos igarapés, das montanhas e dos lagos", disse ele. E provocou um atraso no início da cerimônia, à espera do cocar de liderança yanomami, mandado vir especialmente para a cerimônia em Brasília, na terça-feira, 31.

Em Boa Vista (RR), ele não sai à noite, não anda sozinho e não pega táxis: a segurança mínima indispensável para quem combate os garimpeiros invasores da área indígena desde 1978. Hoje o garimpo atrai pelo menos 45 mil homens, segundo relatório

oficial do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana do Ministério da Justiça. O relatório foi concluído em 12 de janeiro e encaminhado no mesmo dia ao presidente Sarney, ao ministro Bayma Denys (da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional, ex-CSN) e aos ministros do Interior, Aeronáutica e de Minas e Energia.

O documento do Ministério da Justiça lista uma irregularidade atrás da outra, a partir de uma visita à área indígena de Paa-piu. A primeira é de que a pista de pouso construída com recursos do Projeto Calha Norte, e teoricamente destinada a facilitar a assistência da Funai aos índios, está

sendo usada sem qualquer constrangimento por magotes de garimpeiros. Eles pagam pedágio ao índio João Davi, que cobra NCz\$ 30 por pouso de aviões pequenos e NCz\$ 50 dos aviões grandes.

O premiado Davi Kopenawa acha que seu companheiro está sendo enganado e cooptado pelos garimpeiros e denuncia que ele foi orientado pelo go-

vernador de Roraima, Romero Jucá Filho, tristemente famoso por estimular contratos ilegais de exploração de madeira em áreas indígenas durante sua gestão na Funai. O relatório do Ministério da Justiça põe em dúvida a capacidade gerencial de João Davi e informa que o garimpo está rendendo uma média de três pousos ou decolagens por hora, o que dá no mínimo NCz\$ 90.

As denúncias, entretanto, vão mais longe. O relatório sugere a imediata retirada dos contingentes da Polícia Militar da área, denunciando o envolvimento de seus componentes com o garimpo. "Pode-se encontrar PMs garimpando, quando de licença de sua corporação, ou aceitando pagamentos para não exercerem fiscalização", diz o documento. E denuncia,

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

também, a completa falta de assistência em que se encontram os índios no posto visitado, informando que, "pela quantidade de seus atuais funcionários, pode-se seguramente afirmar que a Funai não tem condições e meios para exercer as atribuições que lhe são cometidas".

Nem a Funai nem ninguém, ao que tudo indica. Segundo o superintendente nacional da Fundação, coronel Aírton Alcântara Gomes, um cálculo da FAB indicou a necessidade de 280 viagens de avião Bandeirantes para retirar cerca de cinco mil garimpeiros das áreas Yanomami. A Polícia Federal, por sua vez, frente à invasão de 45 mil homens, conseguiu, na semana anterior à premiação de Davi, retirar entre 30 e 40 garimpeiros da área Catrimani. Eles foram deixados em Boa Vista onde, relegados ao desemprego, ficarão apenas o tempo necessário para montar seu retorno ao garimpo. Enquanto isso, um número significativo de garimpeiros está saindo da área indígena de Uaicás, de livre e espontânea vontade, e dirigindo-se para Catrimani. Motivo: esgotou-se o ouro e a cassiterita em Uaicás.

Para não ser acusada de omissão, a Funai entrou com três ações contra os garimpeiros: uma em Paa-piu (retirada de oito mil garimpeiros), outra em Catrimani (150 garimpeiros) e outra em Maturacá (150), um dos maiores garimpos atuais de Roraima. Há uma liminar concedida para Maturacá, mas a Justiça também deu uma liminar aos garimpeiros, garantindo seu direito ao abastecimento.

O procurador jurídico da Fundação, Ovídio Martins Araújo, garante que a Funai pedirá a ajuda do Exército, Marinha e Aeronáutica para retirar os garimpeiros - já que a Polícia Federal alega necessidade de ordens judiciais para agir. Mas o superintendente admite que "enquanto tiramos 20 mil, outros 30 mil se instalam lá".

Isso para não falar do jogo de pressões. O advogado da Funai em Boa Vista, Raimundo Nonato Magalhães de Assunção, foi ameaçado de morte por dois homens armados em plena sede da Funai. Enquanto o Conselho Indigenista Missionário denuncia que outros funcionários da Fundação - o chefe do posto indígena de Catrimani, Elias Pessoa, e dois enfermeiros (Zilma Bezerra e Dionides Peixoto) - estão ajudando a entrada de carros



O coronel Gomes
Explicação pelo cálculo da FAB

com balsas e equipamentos para os garimpeiros.

Na verdade, o grande problema na origem das dificuldades dos Yanomami é a demarcação de sua área. Prevista inicialmente para ter mais de 8 milhões de hectares, o departamento geral do Exército acaba de concluir a demarcação de menos de 2,5 milhões de hectares, distribuídos em 19 colônias indígenas. Essa concepção, inaugurada com o Projeto Calha Norte, prevê a delimitação de "ilhas" indígenas entre florestas e parques nacionais, onde a exploração é permitida, facilitando ainda mais o trânsito de garimpeiros.

"O índio não tem cercas", explica Davi Kopenawa, e aproveitou a oportunidade da entrega do prêmio para defender a demarcação de uma área contínua para os Yanomami. "Estou muito triste porque nos deram um pedacinho de terra como um galinheiro", lamenta ele, e explica: "O governo não quer que o índio fique junto, por isso dividiu em 19 áreas. Ele pensa que vamos fazer um outro país."

O índio que põe o dedo na ferida das preocupações da área de segurança do governo nasceu numa área isolada (Tototobi) e fala apenas regularmente o português, aprendido depois de grande. Ele recebeu uma carta de Sarney, fazendo a defesa do Projeto Calha Norte. E respondeu pedindo a retirada imediata dos garimpeiros, alertando que muitos poderiam morrer se não parasse "o massacre de meus irmãos". E ele tem expe-

riência do que diz: em Demini, área onde vive agora, tem evitado a entrada dos garimpeiros. Ele recusou propostas de receber um percentual da exploração, recebeu ameaças de morte e acredita que os garimpeiros não entram "porque têm medo de mim". Ele conta com 40 guerreiros armados com armas de fogo, num grupo de 84 índios que ocupam 33 mil hectares.

Mas Davi Kopenawa é um dos poucos Yanomami que tem condições de resistir. "Os outros Tuxauas não sabem português, não entendem, e ficam enganados com as roupas velhas e os presentes que os garimpeiros levam", diz Davi. E reclama que "a caça foi embora, não tem mais peixe, os igarapés foram destruídos" (pelo mercúrio), e que "os invasores levam briga, doença e matam gente".

Por conta desta situação, a premiação de Davi foi concorrida. Até a Funai compareceu, embora tenha trazido o índio para Brasília sem avisá-lo do que havia. E estavam lá representantes do governo, do Congresso, das entidades de apoio aos índios e de organismos internacionais, entre eles o Banco Mundial. ●